

Estudo de caso



Na investigação é uma abordagem metodológica que pressupõe um estudo profundo e detalhado de um “caso”, no seu ambiente natural.

Como? Porquê? Descrever/explicar

Caso : indivíduo, instituição, situação...

Permite uma visão em profundidade de processos educacionais, na sua complexidade contextual. Constitui um interessante modo de pesquisa para a prática docente, incluindo investigação de cada professor nas suas aulas.

Para Stake, o estudo de caso permite prestar atenção aos problemas concretos das nossas escolas: “O caso pode ser um menino. Pode ser um grupo de alunos ou um determinado [assunto]” (2005, p.15).

O estudo de caso procura captar a complexidade de um “sistema”, na sua actividade.

“Por vezes o caso aparece-nos pela frente, e sentimo-nos obrigados a tomá-lo como objecto de estudo. Isso acontece quando um professor decide estudar um aluno em dificuldades, quando sentimos curiosidade por determinados procedimentos, ou quando decidimos avaliar um programa” (Stake, 2005, p.16).



Segundo Yin:

- Implica uma particular e profunda atenção de modo a captar as características holísticas e significativas do caso.
- O estudo de caso leva a fazer “observação directa e a coligir dados em ambientes naturais”, o que é diferente de confiar em “dados derivados” (resultados de testes, estatísticas, respostas a questionários)

“Como pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos de fenómenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (Yin, 2002, p.21). E, como se trata de “fenómenos sociais complexos”, o estudo de caso “permite uma investigação que possibilita “preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real”.

A selecção de pessoas, grupos ou lugares que vão constituir o “caso” é o “passo mais crítico da pesquisa por estudo de caso”. Yin alerta uma vez mais para a falsa ideia de que um estudo de caso deve obedecer a uma “amostra” de um universo, pois o que está em causa é não uma generalização estatística mas uma generalização analítica.

A investigação com estudo de casos não é uma investigação de amostras.

Generalization can be an unconscious process (Stake, 1998, p.95)
Com certos estudos de caso “não se chega a uma compreensão inteiramente nova, mas a uma compreensão mais precisa”.

E propõe chamar-lhes generalizações menores (Stake, 2005, p.20).

“Dos casos particulares as pessoas podem aprender muitas coisas gerais (...) porque estão familiarizadas com outros casos a que juntam o novo caso e assim formam um novo grupo um tanto novo” (2005, p.78).



As descrições devem fazer prova de exactidão e profundidade quanto aos dados recolhidos, anteriores à interpretação.

“ Se um pesquisador se dedica a um dado caso, é muitas vezes porque tem razões para considerá-lo como típico de um conjunto mais amplo do qual se torna representante, e que esse caso pode, por exemplo, ajudar a melhor compreender uma situação ou um fenómeno complexo” (Laville & Dionne 1999, p.156).

A sua vantagem é a de, à partida, exigir menos recursos e poder ser assumido por um investigador ou pequena equipa. Mas, como toda a investigação, quanto à problemática, ao enquadramento teórico, à escolha das “unidades” a inquirir ou à lógica da análise dos dados, põe igualmente à prova as qualidades da investigação.

- Yin, R. (2005). Estudo de caso: planeamento e métodos. Porto Alegre: Bookman.
- Stake, R. (2007). A arte de investigação com estudos de caso. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
 - Bogdan, R. & Biklen, S. (1994) Investigação qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora.

Etapas do estudo de caso

- Formulação do problema;
- Definição da unidade – caso;
- Determinação do número de casos;
- Elaboração do protocolo;
- Coleta de dados;
- Avaliação e análise dos dados;
- Preparação do relatório;



© Can Stock Photo



A IDENTIDADE DE GÉNERO NO JARDIM DE INFÂNCIA – QUE CONSTRUÇÃO SOCIAL?

Cândida Penteado
CBES – Marinhas

Alice Mendonça
Universidade da Madeira

Objectivo do estudo: determinar se os estereótipos de género se fazem sentir nas crianças em contexto de Jardim de Infância.

A representação de comportamentos masculinos e femininos expressa um padrão de estereótipos frequentemente inflexível.

O papel de género diz respeito a características que são atribuídas a cada indivíduo porquanto cada um se encontra imerso num contexto social construído em conformidade com os sexos biológicos.

Ao identificarem-se social e culturalmente como masculinos ou femininos os indivíduos constroem a sua identidade de género.

Contexto do estudo:

Creche e Jardim-de-Infância “Mãe Galinha” integrada no Centro de Bem Estar Social (CBES) de Mariniais.

Caracterização da amostra:

O grupo pertence à Sala Rosa e é constituído por 23 crianças: 14 rapazes e 9 raparigas. A sua faixa etária está compreendida entre os 4 e os 6 anos de idade.

Instrumentos:

1. Observação (espaço da casinha, espaço dos jogos de construção e o recreio).
2. Entrevistas.

Da observação no espaço da casinha:

-Vou fazer-te um jantar delicioso! – Disse o Rodrigo que tinha adoptado o papel de mãe.

O Rodrigo veste o avental e pede à educadora para o atar. Calçou os chinelos de princesa e adornou-se com os colares e as pulseiras.

- Beatriz, filha! Anda jantar! – Chamou o Rodrigo.

A Beatriz virou-se e admirada gritou: *- Olha, estás vestido de mulher!*

Outras crianças que brincavam noutras áreas foram espreitar! E comentaram:

- Está mesmo! O Rodrigo está vestido de mulher!

-É! Eu hoje sou a mãe. – Respondeu sem qualquer problema.

- Assim vais estragar as sandálias de princesa... – Retorquiu a Inês.

O Rodrigo continuou o seu papel de mãe e todos continuaram a brincar.

Da observação no espaço dos jogos de construção :

O Nuno, o Filipe e o João brincavam nos Jogos de Construção.

- *Vamos fazer uma casa!* - Disse o João.

-*Bora!* - Concordou o Nuno.

- *Se calhar temos que fazer mais uma parede aqui !* - referiu o João.

De repente a Rita apareceu e juntou-se a eles.

O Nuno quando viu a Rita pegar numa peça de construção, gritou: - *As miúdas não sabem fazer casas!*

-*Sei, sei !* - Retorquiu a Rita. – *Sei fazer muito bem! Chega-te para lá.*

- *Que chatice, Rita! Porque não vais brincar com as meninas?* - Retorquiu o João.

- *Olha, mas eu é que mando!* – Afirmou o João.

- *Quem manda sou eu!* – Respondeu o Nuno.

-*Aqui ninguém manda! Quem manda na sala é a Ana (a Educadora)-*
Explicou a Rita.

Os rapazes cederam ao discurso da Rita e brincaram os quatro às construções.

Da observação no espaço do recreio:

Um grande grupo de rapazes juntou-se a jogar à bola. As raparigas mais velhas foram andar de baloiço e as mais novas iam apanhando flores para oferecer à educadora.

-Elas não querem brincar connosco! – Queixou-se a Margarida referindo-se às colegas mais velhas da sala.

A Rita muito chateada tentava jogar à bola com os rapazes.

- Oh, Ana! Eles não me passam a bola! Eu estou a jogar e eles nunca me passam a bola!

A Educadora chamou um dos rapazes e perguntou:

- Vocês não passam a bola à Rita? Olhem que ela também quer jogar!*
- Ela não sabe nada fintar e a chutar não tem força nenhuma, assim vamos perder! As meninas não jogam futebol!* - Respondeu o Nuno.

Após a intervenção da educadora a Rita foi jogar com os rapazes. Embora descontentes passaram-lhe a bola de vez em quando.

Das entrevistas:

- **Os meninos e as meninas brincam às mesmas coisas?**
- *Não. Os meninos brincam aos super-homens e às motas e a essas coisas, as meninas brincam às princesas, às bruxas e às mães.* (rapariga de 5 anos)
- *Não, os meninos brincam às pistolas, à Sonic, aos homens aranhas, à tourada. As meninas aos bebés, na casinha.* (rapaz de 5 anos)
- *As meninas brincam com as amigas delas e os meninos com os amigos deles.* (rapaz de 4 anos)
- *Sim, brincam ao que quiserem!* (rapariga de 5 anos)
- *Alguns brincam.* (rapariga de 4 anos)
- *Não, brincar aos carros, jogar à bola é para rapazes, brincar às barbies é para raparigas.* (rapaz de 5 anos)

É o género masculino quem maioritariamente alega a existência de brincadeiras diferentes consoante os géneros: 93% dos rapazes distingue brincadeiras masculinas de femininas.

Nas raparigas essa discriminação é menos evidente.

Discussão dos resultados:

Formação espontânea de grupos do mesmo género nas brincadeiras.
Ex: os rapazes jogam à bola e fazem jogos de construção; as raparigas andam de baloiço, passeiam e apanham flores.

Algumas identidades de género são flexíveis, assumindo. Assim, existe a rapariga que gosta de jogar à bola e existe o rapaz que gosta de se vestir de mulher.

As crianças mais velhas habitualmente não querem brincar com as mais novas, mesmo sendo do mesmo sexo. As mais novas formam grupos conforme o seu género.

Os rapazes restringem os seus grupos a certos espaços e brincadeiras categorizadas como masculinas, tais como fazer construções e jogar futebol. Tentam evitar a inclusão das raparigas, remetendo-as para o “seu lugar”:

- Que chatice, Rita! Porque não vais brincar com as meninas?

Os rapazes são mais tipificados, em relação aos papéis de género. Além de evitarem as actividades preferidas pelo género feminino, rejeitam as raparigas para integrar os seus jogos:

- Eles não me passam a bola! Eu estou a jogar e eles nunca me passam a bola!

Um rapaz interpretou um papel do género oposto.

Não foi excluído pelos restantes, mas destacou-se a surpresa e o facto dos sapatos de princesa serem considerados adequados a pés femininos.

- Olha, estás vestido de mulher!

- Está mesmo! O Rodrigo está vestido de mulher!

- Assim vais estragar as sandálias de princesa...

Frases que caracterizam o género masculino na demarcação das suas fronteiras:

- *As miúdas não sabem fazer casas!*
- *Que chatice, Rita! Porque não vais brincar com as meninas?*
- *Olha, mas eu é que mando!*
- *As meninas não jogam futebol!*

Duas crianças situam-se na fronteira de género: A Rita e o Rodrigo.

A Rita adopta por vezes alguns comportamentos que são típicos dos rapazes. A imagem estereotipada de “maria-rapaz” permite-lhe assumir posições de poder sobre os rapazes.

Será que o facto da sua mãe exercer a profissão de engenheira química lhe transmite a ideia de igualização entre os géneros?

O Rodrigo adopta por vezes alguns comportamentos típicos das raparigas independentemente dos comentários dos seus pares.

Será que este facto se prende com a constante ausência do pai (motorista internacional) acrescida de uma maior identificação com o género feminino, uma vez que vive permanentemente com a mãe que é doméstica?

Conclusão:

Existe uma identificação de interesses de género contrastantes, em que as crianças se colocam numa ou noutra categoria e tendem a escolher parceiros do mesmo género.

As crianças têm a noção de que há espaços, objectos, actividades “próprias” para rapazes e para raparigas.

Através das brincadeiras as crianças apre(e)ndem e reproduzem determinadas formas de feminilidade e de masculinidade que caracterizam a identidade biológica e social.

A identidade masculina apresenta-se bastante vincada.